

Os uribus sem penas



Os urubus sem penas

JULIO RAMÓN RIBEYRO

Tradução de
Silvia Massimini Felix



7

Julio Ramón Ribeyro
A eloquência do mudo

17

Os urubus sem penas

31

Interior "L"

43

Mar afora

53

Enquanto a vela arde

61

Na delegacia

73

A teia de aranha

85

O primeiro passo

93

Reunião de credores



Os urubus sem penas

Às seis da manhã, a cidade se levanta na ponta dos pés e começa a dar seus primeiros passos. Uma névoa fina dissolve o perfil dos objetos e cria como uma atmosfera encantada. Parece que as pessoas que percorrem a cidade a essa hora são feitas de outra substância, que pertencem a uma espécie de vida fantasmagórica. As beatas se arrastam com dificuldade até desaparecer nos pórticos das igrejas. Os noctívagos, amaciados pela noite, voltam para casa enrolados em cachecóis e melancolia. Os lixeiros começam seu passeio sinistro pela avenida Pardo, munidos de vassouras e carrinhos. A essa hora se veem também operários indo em direção à parada do bonde, policiais bocejando encostados nas árvores, entregadores de jornal roxos de frio, empregadas pondo os latões de lixo para fora. A essa hora, por fim, como se chamados por uma ordem misteriosa, aparecem os urubus sem penas.

A essa hora, o velho *don* Santos põe sua perna de pau e, sentando-se no colchão, começa a berrar:

— Vamos levantar! Efraín, Enrique! Está na hora!

Os dois garotos correm para o córrego que passa pelo quintal esfregando os olhos remelentos. Com a tranquilidade da noite, a água se aquietou e em seu fundo transparente pode-se ver o mato crescendo e pequenas larvas deslizando ágeis. Depois de jogar água no rosto, cada um pega sua lata e os dois saem para

a rua. *Don Santos*, enquanto isso, se aproxima do chiqueiro e com sua longa vara golpeia o lombo do porco, que se refestela entre os rebotalhos.

— Ainda falta um pouco, marrano! Mas pode esperar, que sua vez já vai chegar.

Efraín e Enrique se demoram no caminho, subindo nas árvores para pegar amoras ou recolhendo pedras, daquelas pontiagudas que cortam o ar e ferem pelas costas. Chegam ainda de madrugada a seu domínio, uma longa rua cheia de casas elegantes que desemboca no cais.

Eles não são os únicos. Em outros quintais, em outros subúrbios, alguém deu o sinal, e muitos se levantaram. Uns trazem latas, outros caixas de papelão, às vezes basta apenas um jornal velho. Sem se conhecerem, formam uma espécie de organização clandestina que se espalha por toda a cidade. Há aqueles que vagueiam pelos edifícios públicos, outros escolheram os parques ou lixões. Até os cachorros já têm seus hábitos, seus itinerários, sabiamente instruídos pela miséria.

Efraín e Enrique, depois de um breve descanso, começam o trabalho. Cada um escolhe um lado da calçada. Os latões de lixo estão alinhados diante das portas. É preciso esvaziá-los por completo e depois começar a exploração. Uma lixeira é sempre uma caixa de surpresas. Pode-se encontrar latas de sardinha, sapatos velhos, pedaços de pão, ratos mortos, algodões imundos. Para eles, só interessam as sobras de comida. Lá no chiqueiro, Pascual recebe qualquer coisa, mas prefere verduras um pouco decompostas. A pequena lata de cada um vai ficando cheia de tomates podres, pedaços de banha, molhos estranhos que não figuram em nenhum manual de cozinha. Não é raro, no entanto, fazer uma descoberta valiosa. Certo dia, Efraín encontrou uns suspensórios com os quais fez um estilingue.

Outra vez, uma pera quase boa que devorou na mesma hora. Enrique, ao contrário, tem sorte com caixinhas de remédio, frascos brilhantes, escovas de dentes usadas e outras coisas semelhantes, que ele coleciona com avidez.

Depois de uma rigorosa seleção, eles voltam o lixo para o latão e correm para o próximo. Não convém demorar muito porque o inimigo está sempre à espreita. Às vezes, são surpreendidos pelas empregadas e têm de fugir, deixando sua coleta espalhada. Porém, com mais frequência é o caminhão dos lixeiros que aparece, e então a jornada está perdida.

Quando o sol assoma sobre as colinas, a madrugada chega ao fim. A neblina se dissolveu, as beatas estão mergulhadas no êxtase, os noctívagos dormem, os entregadores já distribuíram os jornais, os operários sobem nos andaimes. A luz desvanece o mundo mágico da aurora. Os urubus sem penas regressaram a seu ninho.

Don Santos os esperava com o café pronto.

— Vamos ver, o que vocês trouxeram?

Fuçava entre as latas e, se a coleta fosse boa, fazia sempre o mesmo comentário:

— Hoje o Pascual vai se banquetear.

Mas na maioria das vezes trovejava:

— Idiotas! O que vocês fizeram hoje? Devem ter ficado brincando, é claro! O Pascual vai morrer de fome!

Os dois fugiam para o parreiral, com as orelhas ardendo dos tabefes, enquanto o velho se arrastava até o chiqueiro. Do fundo de seu reduto, o porco começava a grunhir. *Don Santos* lhe arremessava a comida.

— Meu pobre Pascual! Hoje você vai ficar com fome por causa desses ordinários. Eles não sabem cuidar de você como eu. Tenho que surrar esses dois para que aprendam.

No início do inverno, o porco tinha se convertido numa espécie de monstro insaciável. Tudo lhe parecia insuficiente, e *don Santos* culpava os netos pela fome do animal. Ele os obrigava a se levantar mais cedo, para invadir o terreno dos outros em busca de mais sobras de comida. Por último, obrigou-os a se dirigir ao lixão que ficava à beira-mar.

— Ali vocês vão encontrar mais coisas. Além disso, vai ser mais fácil porque o lixo fica todo junto.

Num domingo, Efraín e Enrique chegaram ao barranco. Os caminhos de lixo, seguindo por uma ruazinha de terra, descarregavam o lixo num declive de pedras. Visto do cais, o lixão formava uma espécie de escarpado escuro e fumegante, onde os urubus e os cachorros se deslocavam como formigas. De longe, os garotos atiraram pedras para espantar os inimigos. Um cachorro se afastou ganindo. Quando chegaram mais perto, sentiram um cheiro nauseante que lhes penetrou até os pulmões. Os pés deles se afundavam num monte de penas, excrementos, matérias decompostas ou queimadas. Enterrando as mãos, começaram a exploração. Às vezes, sob um jornal amarelado, descobriam uma carniça meio devorada. Nos escarpados próximos, os urubus espiavam impacientes e alguns se aproximavam saltando de pedra em pedra, como se quisessem encurralá-los. Efraín gritava para intimidá-los, e seus gritos ressoavam pelo desfiladeiro, fazendo os pedregulhos se soltar e rolar até o mar. Depois de uma hora de trabalho, voltaram ao quintal com as latas cheias.

— Bravo! — exclamou *don* Santos. — Vocês vão ter que repetir isso duas ou três vezes por semana.

Desde então, às quartas e aos domingos, Efraín e Enrique remexiam o lixão. Logo começaram a fazer parte da estranha fauna do lugar, e os urubus, acostumados com sua presença, trabalhavam ao lado deles, grasnando, revoando, escavando com os bicos amarelos, como ajudando-os a descobrir a pista da preciosa sujeira.

Foi ao regressar de uma dessas excursões que Efraín sentiu uma dor na sola do pé. Um caco de vidro lhe fizera uma pequena ferida. No dia seguinte, o pé estava inchado, mas mesmo assim ele continuou o trabalho. Quando voltaram, o menino quase não conseguia andar, mas *don* Santos não reparou nisso, pois estava com visita. Acompanhado de um homem gordo com as mãos manchadas de sangue, observava o chiqueiro.

— Daqui a vinte ou trinte dias vou passar por aqui — dizia o homem. — Até lá, acho que já vai estar no ponto.

Quando partiu, os olhos de *don* Santos faiscavam.

— Ao trabalho! Ao trabalho! Daqui em diante, vou ter que aumentar a ração do Pascual! O negócio está correndo bem nos trilhos.

Na manhã seguinte, no entanto, quando *don* Santos acordou os netos, Efraín não conseguiu se levantar.

— O pé dele está machucado — explicou Enrique. — Ontem se cortou com um caco de vidro.

Don Santos examinou o pé do neto. A infecção já se espalhara.

— Isso não é nada! Ele tem que lavar o pé no córrego e amarrar com um pano.

— Mas está doendo! — exclamou Enrique. — Ele não consegue andar direito.

Don Santos pensou por um momento. Do chiqueiro, chegavam os grunhidos de Pascual.

— E eu? — perguntou, dando um tapa na perna de pau.
— Por acaso minha perna não dói? E eu tenho setenta anos e ainda trabalho... Vocês têm que parar com essas manhas!

Efraín foi para a rua com sua lata, apoiado no ombro do irmão. Meia hora depois, voltaram com as latas vazias.

— Não dava mais! — disse Enrique ao avô. — O Efraín está mancando.

Don Santos observou os netos como se estivesse pensando num castigo.

— Bem, bem — disse ele, coçando a barba rala. Pegando Efraín pelo pescoço, arrastou-o até o quarto. — Os doentes, na cama! Apodrecendo no colchão! E você vai fazer o trabalho do seu irmão. Vá agora mesmo para o lixão!

Perto do meio-dia, Enrique voltou com as latas cheias. Estava acompanhado de um estranho visitante: um cachorro esquelético e um tanto sarnento.

— Eu encontrei ele no lixão — explicou Enrique —, e ele veio me seguindo.

Don Santos pegou a vara.

— Mais uma boca para alimentar!

Enrique apertou o cachorro contra o peito e correu para a porta.

— Não faça nada para ele, vovô! Eu divido minha comida com ele.

Don Santos se aproximou, afundando a perna de pau no barro.

— Nada de cachorros aqui! Já me bastam vocês dois!

Enrique abriu a porta da rua.

— Se ele for embora, eu vou junto.

O avô se deteve. Enrique aproveitou para insistir:

— Ele não come quase nada... olhe como é magro. Além disso, já que o Efraín está doente, o cachorro vai me ajudar. Ele conhece bem o lixão e tem bom faro para os restos.

Don Santos refletiu, olhando para o céu, onde a garoa se condensava. Sem dizer nada, soltou a vara, pegou as latas e foi mancando até o chiqueiro.

Enrique sorriu de alegria e, com seu amigo apertado contra o peito, correu até o irmão.

— Pascual, Pascual... Pascualito! — cantava o avô.

— Você vai se chamar Pedro — disse Enrique, acariciando a cabeça do cachorro, e entrou no quarto.

Sua alegria se dissolveu: Efraín, inundado de suor, se retorcia de dor no colchão. O pé dele, inchado, parecia uma bexiga cheia de ar. Os dedos quase tinham perdido a forma.

— Eu te trouxe esse presente, olhe — disse, mostrando o cachorro. — Ele se chama Pedro, é para você, para te fazer companhia... Quando eu for ao lixão, vou deixar ele aqui e vocês dois vão brincar o dia inteiro. Você vai ensinar ele a trazer pedras na boca.

— E o vô? — perguntou Efraín, estendendo a mão para o animal.

— O vô não disse nada — suspirou Enrique.

Ambos olharam para a porta. A garoa tinha começado a cair. A voz do avô vinha lá do quintal:

— Pascual, Pascual... Pascualito!

Naquela noite, saiu a lua cheia. Ambos os netos se inquietaram, porque nessa época o avô ficava intratável. Desde o fim da tarde, ele estava rondando pelo quintal, falando sozinho, dando varadas no parreiral. Às vezes se aproximava do quarto, lançava

um olhar lá dentro para ver os netos silenciosos, dava uma cusparada carregada de rancor. Pedro tinha medo dele e cada vez que o via se enrodilhava e ficava imóvel como uma pedra.

— Sujeira, nada mais que sujeira! — repetiu o avô a noite inteira, olhando para a lua.

No dia seguinte, Enrique amanheceu resfriado. O velho, que o ouviu espirrar de madrugada, não disse nada. No fundo, no entanto, pressentia uma catástrofe. Se Enrique ficasse doente, quem se ocuparia de Pascual? A voracidade do porco crescia na mesma velocidade que sua gordura. À tarde, grunhia com o focinho enterrado na lama. Do quintal de Nemesio, que morava a uma quadra dali, tinham vindo se queixar.

No segundo dia, aconteceu o inevitável: Enrique não conseguiu se levantar. Tinha tossido a noite toda e a manhã o surpreendeu tremendo, queimando de febre.

— Você também? — perguntou o avô.

Enrique apontou para o peito, que chiava. O avô saiu furioso do quarto. Cinco minutos depois, voltou.

— É muito feio me enganar desse jeito! — lamentava-se. — Vocês abusam de mim porque eu não posso andar. Sabem muito bem que sou velho, que sou manco. Se não fosse assim, eu mandava vocês dois aos diabos e cuidava sozinho do Pascual!

Efraín acordou se queixando e Enrique começou a tossir.

— Mas não importa! Eu vou cuidar dele. Vocês são lixo, nada mais que lixo! Uns pobres urubus sem penas! Vão ver como eu me viro sem vocês. Seu avô ainda está forte. Só que hoje vocês não vão ter comida! Não vão comer até que consigam se levantar e trabalhar!

Pela porta, viram o avô pegar as latas, desajeitado, e sair para a rua. Meia hora depois, voltou arrasado. Sem a rapidez dos netos, o caminhão do lixo ganhou dele. Os cachorros, além do mais, tinham tentado mordê-lo.

— Pedacos de tranqueira! Vocês já sabem, vão ficar sem comida até que trabalhem!

No dia seguinte, tentou repetir a operação, mas teve de voltar atrás. Sua perna de pau tinha perdido o costume de andar pelas ruas de asfalto, pelas calçadas duras, e a cada passo que dava sentia uma fisgada na virilha. Na madrugada do terceiro dia, ficou esparramado no colchão, sem ânimo algum a não ser insultar os netos.

— Se o porco morrer de fome — gritava —, a culpa vai ser de vocês dois!

A partir de então, começaram dias angustiantes, intermináveis. Os três passavam o tempo todo trancados no quarto, sem falar, sofrendo uma espécie de reclusão forçada. Efraín se remexia sem parar, Enrique tossia, Pedro se levantava e, depois de dar uma volta pelo quintal, voltava com uma pedra na boca, que depositava na mão dos donos. *Don Santos*, meio deitado, mexia na perna de pau e lhes lançava olhares ferozes. Ao meio-dia, arrastava-se até um canto do terreno onde cresciam uns legumes e preparava seu almoço, que devorava escondido. Às vezes, trazia à cama dos netos alguma alface ou cenoura crua, com o propósito de aguçar o apetite deles, acreditando assim que seu castigo se tornava mais refinado.

Efraín já não tinha forças para reclamar. Só Enrique sentia crescer no peito um medo estranho e, ao olhar nos olhos do avô, achava que não os reconhecia, como se tivessem perdido sua expressão humana. À noite, quando a lua aparecia no céu, pegava Pedro entre os braços e o apertava ternamente até fazê-lo ganir. Nessa hora, o porco começava a grunhir e o avô se queixava como se estivessem enforcando-o. Às vezes, punha a perna de pau e saía para o quintal. À luz da lua, Enrique o via

ir dez vezes do chiqueiro até a horta, levantando os punhos, atropelando o que encontrasse pelo caminho. Por fim, voltava ao quarto e ficava olhando fixo para eles, como se quisesse responsabilizá-los pela fome de Pascual.

Na última noite de lua cheia, ninguém conseguiu dormir. Pascual lançava verdadeiros rugidos. Enrique ouvira dizer que os porcos, quando tinham fome, enlouqueciam como os homens. O avô permaneceu velando, sem apagar sequer o lampião. Dessa vez, não saiu para o quintal nem praguejou entre os dentes. Afundando no colchão, olhava fixo para a porta. Parecia acumular dentro de si uma cólera muito antiga, brincar com ela, preparando-se para dispará-la. Quando o céu começou a desbotar sobre as colinas, *don* Santos abriu a boca, dirigiu aquele oco escuro aos netos e lançou um rugido:

— Vamos, vamos, vamos! — os golpes começaram a chover.
— Levantando, seus folgados! Até quando vamos ficar assim? Isso acabou! De pé!

Efraín começou a chorar. Enrique se levantou, espremendo-se contra a parede. Os olhos do avô pareciam fasciná-lo, até torná-lo insensível aos golpes. Via a vara se levantar e se abater sobre sua cabeça, como se fosse uma vara de papel. No fim, conseguiu reagir.

— Efraín não! Ele não tem culpa! Pode deixar, eu vou sair, eu vou ao lixão!

O avô se conteve, ofegante. Demorou muito para recuperar o fôlego.

— Agora mesmo... para o lixão... leve duas latas, quatro...

Enrique se afastou, pegou as latas e saiu às pressas. O cansaço, devido à fome e à convalescência, o fazia tropeçar. Quando abriu o portão do quintal, Pedro quis segui-lo.

— Você não. Fique aqui cuidando do Efraín.

E saiu para a rua, respirando a plenos pulmões o ar da manhã. No caminho, ia comendo grama, esteve a ponto de mastigar terra. Via tudo através de uma névoa mágica. A debilidade o tornava leve, etéreo: voava quase como um pássaro. No lixão, sentiu-se mais um urubu entre os urubus. Quando as latas estavam transbordando, começou a voltar. As beatas, os noctívagos, os entregadores descalços, todas as secreções do alvorecer começavam a se dispersar pela cidade. Enrique, de volta ao seu mundo, caminhava feliz entre eles, em seu mundo de cachorros e fantasmas, tocado pela madrugada.

Ao entrar no quintal, sentiu um ar opressor, resistente, que o fez parar. Era como se ali, no limiar do portão, terminasse um mundo e começasse outro feito de barro, de rugidos, de penitências absurdas. O mais surpreendente era, no entanto, que dessa vez reinava no quintal uma calma carregada de maus presságios, como se toda a violência estivesse se equilibrando, a ponto de desabar. O avô, parado na beira do chiqueiro, olhava para o fundo. Parecia uma árvore que crescia a partir da perna de pau. Enrique fez barulho, mas o avô não se mexeu.

— Aqui estão as latas!

Don Santos lhe deu as costas e ficou imóvel. Enrique soltou as latas e correu intrigado até o quarto. Efraín, mal o viu, começou a gemer:

— Pedro... Pedro...

— O que aconteceu?

— O Pedro mordeu o vô... O vô pegou a vara... Depois escutei o Pedro ladrar.

Enrique saiu do quarto.

— Pedro, vem cá! Onde você está, Pedro?

Ninguém respondeu. O avô continuava imóvel, com o olhar fixo na parede. Enrique teve um mau presságio. De um pulo, aproximou-se do velho.

— Onde está o Pedro?

Seu olhar se dirigiu ao chiqueiro. Pascual devorava algo no meio da lama. Ainda restavam as pernas e o rabo do cachorro.

— Não! — gritou, tapando os olhos. — Não, não! — e através das lágrimas procurou o olhar do avô. Este o evitou, virando-se com dificuldade sobre sua perna de pau. Enrique começou a girar em volta dele, puxando sua camisa, gritando, dando pontapés, tentando olhar nos olhos do avô, encontrar uma resposta.

— Por que você fez isso? Por quê?

O avô não respondia. Por fim, impaciente, deu um empurrão no neto que o fez rolar pela terra. Do chão, Enrique observou o velho que, como um gigante, olhava obstinadamente o banquete de Pascual. Estendendo a mão, encontrou a vara, toda manchada de sangue. Com ela, levantou-se na ponta dos pés e se aproximou do velho.

— Vire! — gritou. — Vire!

Quando *don* Santos se virou, divisou a vara que cortava o ar e estalava contra sua bochecha.

— Tome! — bradou Enrique e levantou a mão novamente. Mas de súbito se deteve, com medo do que estava fazendo, e, lançando a vara no chão, olhou para o avô quase arrependido. O velho, com as mãos no rosto, retrocedeu um passo, sua perna de pau tocou a terra úmida, ele resvalou e, dando um grito, caiu de costas no chiqueiro.

Enrique retrocedeu alguns passos. Primeiro apurou o ouvido, mas não se escutava nenhum ruído. Pouco a pouco, foi se aproximando. O avô, com a perna de pau quebrada, estava

caído de costas na lama. Tinha a boca aberta e seus olhos procuravam Pascual, que havia se refugiado num canto e fuçava desconfiado na lama.

Enrique foi se afastando, com o mesmo silêncio com que havia se aproximado. Provavelmente o avô conseguiu divisá-lo, pois enquanto ele corria para o quarto pareceu que *don* Santos falava seu nome, com um tom de ternura que Enrique nunca havia escutado.

— Aqui, Enrique, aqui!

— Vamos! — exclamou Enrique, precipitando-se sobre o irmão. — Vamos, Efraín! O velho caiu no chiqueiro! Temos que ir embora daqui!

— Para onde? — perguntou Efraín.

— Para qualquer lugar, para o lixão, para onde a gente possa comer alguma coisa, lá onde ficam os urubus!

— Não consigo ficar de pé!

Enrique levantou o irmão com ambas as mãos e o apertou contra o peito. Abraçados até formar uma só pessoa, cruzaram lentamente o quintal. Quando abriram o portão da rua, perceberam que a madrugada tinha terminado e que a cidade, desperta e viva, abria diante deles sua gigantesca mandíbula.

Lá do chiqueiro, chegava o rumor de uma batalha.

Paris, 1954

